

REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR - JOAQUIM CARDOSO
Redacção e administração - Calçada do Cambre, 38-A, 2.º
Lisboa - PORTUGAL
Enc. telegr. Telhcoq - Lisboa - Telefone 17
Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

BAFALHA

DIÁRIO DA MANHÃ - PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

VENDO CLARO

O sr. Lloyd George terminou esta forma o grande discurso imponente proferido na Câmara dos Comuns:

«O perigo não está na Rússia; reside entre nós. «Falo com conhecimento de causa, com apreensão, com o sentimento das minhas responsabilidades. «Adirto a Câmara que, em presença dos acontecimentos que podem surgir, devemos empregar todas as armas legítimas para resistir ao embate desses acontecimentos; e ando temo já na nossa frente, mais que um único canhão; devemos combater a anarquia pela abundância.»

Aqui tomamos nós, na pessoa do sr. Lloyd George, um observador atento das cousas que se vão passando pelo mundo. Observador atento das cousas que se vão passando pelo mundo. Observador atento das cousas que se vão passando pelo mundo.

«Tentio. — O sr. Lloyd George apercebe-se ainda de que não há diques possíveis para enfrentar o perigo recendo. Quere dizer: confia ainda num recurso que declara ser o único para retardar a marcha inexorável dos acontecimentos — o estabelecimento da abundância, a amonização desta situação miserável em que se vive e que mantém sempre em pressão máxima o espírito de revolta nas populações. Ainda desta feita o sr. Lloyd George vê bem, quasi inelutavelmente, a situação. De facto, a abundância de pão em cada lar, a assistência aos velhos, a protecção aos fracos, a justiça para todos, algumas partidas, opressão aniquilada — tudo isso poderia ter prolongado um pouco mais a predominância do regime burguês. Mas este gosou e abusou. A voz da razão e da lógica não a quiz escutar, não a escutará nunca enquanto lhe restar um átomo de força. O capitalismo está cego como sempre esteve. E a revolução tomou na sua presença o incremento indestrutível que hoje conta. A evolução tomou a velocidade. E assim o regime burguês tombará, mordendo até ao último momento, como as bestas ferozes, mas morrerá enfim. Depois, como esperaria o sr. Lloyd George estabelecer a abundância sem exterminar de vez todas as castas parasitárias, sem dar ao que trabalha o produto integral do seu esforço, disputado hoje por mil e um inactivos comedores, necessários apenas à segurança e conservação dum Estado explorador e ladrão? Deixemo-nos de ilusões. A abundância porá, sim, termo à revolução. Mas a abundância de tudo e para toda a gente só poderá estabelecer-se numa sociedade harmoniosa de homens livres que, pela alavanca do trabalho, exercido por todos, arranque da terra ubérrima as riquezas infinitas que ela está pronta a dar a quem a amanha e revolva.

«Segundo. O sr. Lloyd George reconhece também o carácter internacional, a universalidade do perigo recendo. «O perigo não está na Rússia» diz ele, «reside entre nós». Isto significa que aquele homem do Estado percebeu que a sede do emancipação caracteriza nesta hora todos os povos, e não está restrita ao território russo a corrente revolucionária que se apetrecha para o triunfo. «O perigo» está na Rússia como está na França, está na América como está em Inglaterra, mas está em toda a parte onde existam trabalhadores conscientes, compreendedores da posição de

NOTAS & COMENTÁRIOS

Verdades Incompletas

O sr. Mayer García no seu editorial de ontem voltou a dizer verdades, mas, como sempre, verdades incompletas. Para o velho articulista, como para todos que pagam os géneros caros, é necessário acabar com a exploração exercida pelos assambradores. Só o que o sr. García não diz é que o governo Baptista não está à altura das circunstâncias para o poder fazer. Potiam entre o governo e as suas afirmações há um abismo profundíssimo.

O tabaco Por mais que um indivíduo se esfaie, não consegue — embora visite todas as tabacarias — obter meia grama de tabaco nacional. — «Só há estrangeiro», é a invariável resposta de todos os tabaqueiros, e quando cometemos a femeridade de perguntar qual é o preço dum onça plena de rama loura, como o cabelo dos ingleses, por pouco que não caímos... com uma síncope, porquanto a aquisição de tal rama representa um dia de salário ou coisa que se pareça.

Não há portanto outro remédio, para podermos gozar um pouco a delícia de transformarmos em azulado fumo, o negro tabaco português, senão gastar algumas pesetas e, em comprá-lo às bilhas de Madrid. De contrário continuaremos a queimar os dedos, aproveitando os físicos cigarros estrangeiros até... cheirar a carne assada.

Civilidade A civilidade dos civis é coisa já conhecida por não ter civilidade alguma. No entanto, ainda apresenta às vezes aspectos que nos deixam um pouco surpresos. Assim, ontem, mal pegávamos na pena para recomendar a laçada diária, Adelaide Ferreira de Carvalho apresentava-se nos invulgarmente com uma queixa formidável a soltar-se-lhe dos lábios:

«Quando ontem passava à rua Poços Negros, o guarda civil n.º 10894, que ali se encontrava, dirigiu-me dicheito muito pouco agradável para serem ouvidos por uma rapariga da minha idade, Riposte-lhe algumas frases a fim de o manter no devido respeito, mas não se contentou com isso o bom da polícia, que me seguiu até à rua do Vale e, aí, insultou-me, chamando-me toda a espécie de obscenidade...»

Atalhámos aqui e respondemos: a queixa que não se admira de tal caso, nem valia a pena ter-se cansado a subir a escada para nos contar tal banalidade.

E recomendámos-lhe, então, que, quando suceder o contrário — encontrar um polícia delicado — se apresse a vir dizê-lo nestas oficinas — isso era uma novidade em cheio.

Aos camaradas Fostes vós que votastes a greve e ela tem de ir até completa satisfação das nossas reclamações.

A vossa organização aconselha a máxima cordura, a máxima serenidade. A fim de que a força pública não tenha motivo para intervenção, não se realizem assembleias enquanto não principiares as negociações, devendo, no entanto, todos os operários ir, de passagem, durante o dia, às sedes do sindicato e secções saber notícias da vida. Todos os afixados quatro vezes ao dia. Todos os operários devem ser fiscais de vigilância de maneira a que a paralisação seja total.

Não nos movem intuítos de alteração de ordem e sabermos castigar todos aqueles que queiram, imiscuindo-se, provocar-nos ou prejudicar-nos. Sem cobardias nem tibezias, já que nos lançaram na luta, estamos prontos para o que der e vier.

Portanto, camaradas, firmeza e ponderação, que a vitória será nossa!

Proclamação A comissão de melhoramentos, de hoje em diante declina o seu mandato num comité que há de dirigir o movimento até final e pede ao proletariado da indústria da construção civil que cumpra com a seguinte proclamação: que será hoje profusamente distribuída.

Camaradas: O momento que decorre é o momento da grande luta. As condições económicas que passamos em virtude do sustento da vida nos são impossíveis de todos.

A mária ultrapassa os limites do razoável e não se pode manter por mais um dia nem mais uma hora.

Para que nós fossemos melhorados as condições de existência, reclamamos do patrão e do Estado, bem como de todos os estabelecimentos onde se empregam operários da Construção Civil, um salário que fosse aproximado ao custo da vida, mas tudo debalde, porque a nossa reclamação responderá com uma indiferença absoluta, o que significa falta de consideração, e ainda mais o desprezo pela nossa justa pretensão.

A esta afronta era preciso responder e a Comissão de Melhoramentos não hesitou em responder à resposta das assembleias magnas de quinta-feira.

E as assembleias de facto, prontas a serem abertamente, apesar da manifestação de alguns camaradas da Comissão que aconselhavam calma e serenidade.

Porém e quando as assembleias se realizavam foram todas as sedes sindicais cercadas e cobradamente agredidos alguns nossos camaradas.

O que significa isto? Provocação e insulto, propósitos criminosos de quem tem instintos de feras e embalsamados.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

SÔBRE INTERNACIONALISMO

em que se analisam, de relance, as suas fases principais

I — A civilização, factor do internacionalismo

A civilização uniformizou os povos, terminando quasi em absoluto com as diferenças de traje e processos de trabalho e a crescente internacionalização das cousas originou a internacionalização das ideias. Ainda há poucos anos, certos países e certas regiões, caracterizavam-se pelo desenvolvimento dum ramo de indústria e, ainda que se encontrasse em outros pontos, ali é que se conservava o culto do mister. Assim, compreendese-se que Veneza se especializasse nas suas rendas, Saxe nas suas porcelanas, Arras nos seus vistosos panos ornamentais, embora nenhuns destas três regiões como que predilectas para os trabalhos delicados.

Hoje, já não se conservam as suas indústrias tradicionais, continuando a civilização das cousas a apagar as diferenças estabelecidas pelas fronteiras, acentuando-se a cosmopolitização da vida dos povos.

As diversas manifestações do progresso podem mais que o desejo de diferenciação que abrigam os mandantes por interesse próprio, apagando as características provenientes de épocas em que as condições de vida se provocavam e estabelecendo uma unidade psicológica relativa entre os povos civilizados que, agora, já não podem viver isoladamente, bem pelo contrário influenciando-se mutuamente.

A internacionalização quasi que absoluta das cousas, corresponde a das ideias. Antigamente, cada país tinha as suas correntes nacionais de opinião, porque existia uma localização de princípios e interesses, porque a maioria dos povos constituíam organismos políticos e económicos estruturalmente diferentes, porque um impresso tinha de vencer inúmeros obstáculos para transpor as fronteiras artificiais estabelecidas pelos homens e as fronteiras naturais que só a aceleração da civilização conseguia romper. Actualmente, pelo contrário, não existem partidos nacionais, mas sim partidos internacionais, embora com diferentes e vagas classificações, as grandes correntes de opinião são as mesmas em todos os países, podendo dividir-se em três grupos, constituídos pelos que defendem o regime capitalista em todas as suas manifestações, pelos que e tendem de boa prudência aconselhar este a transigir e pelos que, vindo na propriedade individual a origem de todos os males de que enferma a Humanidade, apregoam a necessidade da absoluta extinção desse regime, a fim de que a paz social se estabeleça. Destarte surgiram os internacionalismos, porque ao lado do internacionalismo mais oculto dos privilegiados, que se coligam para a defesa das suas prerrogativas oscilantes.

II — Karl Marx e Miguel Bakounine

Já dissemos que o progresso encerra o embrião do desnacionalismo e esta afirmação está sendo comprovada, dia a dia, pelos factos. Quando o progresso se afirmou com importantes descobertas científicas, o internacionalismo, que até ali não passara duma aspiração, transformouse num facto, e o simples envio, em 1862, por iniciativa dos industriais, de alguns operários franceses a uma exposição londrina, deu ensejo a uma primeira afirmação internacionalista de trabalhadores de dois países muitas vezes divididos por rixas provocadas pelos governantes. Dessa manifestação internacionalista resultou, poucos anos depois, o célebre comício de Saint Martin's Hall, onde se firmou o pacto de aliança das classes proletárias de todos os idiomas e de todas as cores.

Do comício nasceu a Associação Internacional dos Trabalhadores, um organismo que, devido à sua robustez e aos princípios arrojados que apregou, fez tremor a parvatura da burguesia, impelindo-a à promulgação de leis coercitivas da propaganda socialista. E a velha Associação foi, na realidade, a grande voz que protestou contra as injustiças sociais, concitando os povos a abalá-las, conseguindo conquistar, num curto período de tempo, tal a justiça dos seus princípios, tal a nobreza da sua atitude, milhares de adeptos em todos os continentes civilizados. A Internacional fez tremor, amedrontados, os homens que nos seus fortes escondiam as montanhas de ouro furadas ao labor alheio, mas inundou as choupas humanas da esperança no taia de uma vida em que na terra se implante a comunidade de interesses. A Internacional foi uma pesada nuvem que enegrecceu o horizonte dos governantes, os quais viram terminada a era das guerras sacrilégas e dos cotos políticos em que se lucrava com as misérias da plebe.

E a alma desse grande coro, eram dois homens, grandes pelo génio e pelo método, sabio de valor que o coraço poe ao serviço do socialismo, dissecou o sistema de produção capitalista, registou cuidadosamente as suas anomalias e lançou a crítica científica do sistema económico que ainda vigora. Em sua opinião, o crescente desenvolvimento do capitalismo nas mãos de uma dúzia de grandes seniores e a multidão dos

CONFIANDO NA VITÓRIA

O FUNCIONALISMO EM LUTA

Nada há a empenar o brilho do movimento do funcionalismo público. A atitude deste é a mesma dos dias anteriores.

Apesar dos convites do governo, profundamente difundidos, e do próprio convite pessoal ontem feito pelo presidente aos funcionários que se achavam sob as arcadas do Terreiro do Paço, os grevistas continuavam dispostos a só retomar os seus lugares quando sejam satisfeitas as suas reclamações.

Deve, pois, estar desenganado o governo, não lhe restando outro recurso que não seja atender o funcionalismo. O incidente ocorrido ontem no parlamento é significativo quanto ao moral dos grevistas.

A manifestação de riso e os vivos saltos nas galerias por aqueles, devem ter deixado com a cara que lhe compete, aquele pai da pátria que para os grevistas pediu a demissão senão voltarem imediatamente ao serviço.

Este e outros factos que se tem da noite, valem como manifestações de firmeza. E esta é agora para os funcionários públicos não só a garantia do êxito como também uma questão de dignidade.

Misericórdia de Lisboa

Do contrário do que dizia a *Opinião* de ontem, o pessoal da Misericórdia de Lisboa não retomou o serviço, pois só ali se encontram os empregados indispensáveis aos serviços clínicos, de enfermagem, distribuição de esmolas, etc.

Firmes e solidários

Um grupo de funcionários e de telegrafistas fez distribuir ontem uma energética proclamação explicando as razões que os levaram à greve e comprometendo desfavoravelmente o novo governo que tam mal se tem conduzido no sentido de solucionar o conflito.

Afirmam também que se manterão firmes e solidários até que as suas reclamações sejam integralmente atendidas.

Os amigos ingleses

Em virtude de os empregados dos Correios e Telégrafos do Funchal terem acompanhado os seus camaradas da metrópole e como tivessem sob o choço dos instrumentos, uma bem clara medida de defeza do seu pão, a Companhia do Cabo Submarino ofereceu ao governo os seus serviços.

Pessoal Menor das Secretarias do Estado

A comissão de melhoramentos pede a comparência de todos os colegas, hoje, pelas 12 horas, na rua da Madalena, 91, 2.º.

Boatos falsos

A greve do funcionalismo público mantém-se no mesmo pé. Poucos foram os empregados que ontem estiveram nas repartições e esses mesmo nada fizeram e outros, que na véspera se aprep-

CONFIANDO NA VITÓRIA

O FUNCIONALISMO EM LUTA

Nada há a empenar o brilho do movimento do funcionalismo público. A atitude deste é a mesma dos dias anteriores.

Apesar dos convites do governo, profundamente difundidos, e do próprio convite pessoal ontem feito pelo presidente aos funcionários que se achavam sob as arcadas do Terreiro do Paço, os grevistas continuavam dispostos a só retomar os seus lugares quando sejam satisfeitas as suas reclamações.

Deve, pois, estar desenganado o governo, não lhe restando outro recurso que não seja atender o funcionalismo. O incidente ocorrido ontem no parlamento é significativo quanto ao moral dos grevistas.

A manifestação de riso e os vivos saltos nas galerias por aqueles, devem ter deixado com a cara que lhe compete, aquele pai da pátria que para os grevistas pediu a demissão senão voltarem imediatamente ao serviço.

Este e outros factos que se tem da noite, valem como manifestações de firmeza. E esta é agora para os funcionários públicos não só a garantia do êxito como também uma questão de dignidade.

Misericórdia de Lisboa

Do contrário do que dizia a *Opinião* de ontem, o pessoal da Misericórdia de Lisboa não retomou o serviço, pois só ali se encontram os empregados indispensáveis aos serviços clínicos, de enfermagem, distribuição de esmolas, etc.

Firmes e solidários

Um grupo de funcionários e de telegrafistas fez distribuir ontem uma energética proclamação explicando as razões que os levaram à greve e comprometendo desfavoravelmente o novo governo que tam mal se tem conduzido no sentido de solucionar o conflito.

Afirmam também que se manterão firmes e solidários até que as suas reclamações sejam integralmente atendidas.

Os amigos ingleses

Em virtude de os empregados dos Correios e Telégrafos do Funchal terem acompanhado os seus camaradas da metrópole e como tivessem sob o choço dos instrumentos, uma bem clara medida de defeza do seu pão, a Companhia do Cabo Submarino ofereceu ao governo os seus serviços.

Pessoal Menor das Secretarias do Estado

A comissão de melhoramentos pede a comparência de todos os colegas, hoje, pelas 12 horas, na rua da Madalena, 91, 2.º.

Boatos falsos

A greve do funcionalismo público mantém-se no mesmo pé. Poucos foram os empregados que ontem estiveram nas repartições e esses mesmo nada fizeram e outros, que na véspera se aprep-

CONFIANDO NA VITÓRIA

O FUNCIONALISMO EM LUTA

Nada há a empenar o brilho do movimento do funcionalismo público. A atitude deste é a mesma dos dias anteriores.

Apesar dos convites do governo, profundamente difundidos, e do próprio convite pessoal ontem feito pelo presidente aos funcionários que se achavam sob as arcadas do Terreiro do Paço, os grevistas continuavam dispostos a só retomar os seus lugares quando sejam satisfeitas as suas reclamações.

Deve, pois, estar desenganado o governo, não lhe restando outro recurso que não seja atender o funcionalismo. O incidente ocorrido ontem no parlamento é significativo quanto ao moral dos grevistas.

A manifestação de riso e os vivos saltos nas galerias por aqueles, devem ter deixado com a cara que lhe compete, aquele pai da pátria que para os grevistas pediu a demissão senão voltarem imediatamente ao serviço.

Este e outros factos que se tem da noite, valem como manifestações de firmeza. E esta é agora para os funcionários públicos não só a garantia do êxito como também uma questão de dignidade.

Misericórdia de Lisboa

Do contrário do que dizia a *Opinião* de ontem, o pessoal da Misericórdia de Lisboa não retomou o serviço, pois só ali se encontram os empregados indispensáveis aos serviços clínicos, de enfermagem, distribuição de esmolas, etc.

Firmes e solidários

Um grupo de funcionários e de telegrafistas fez distribuir ontem uma energética proclamação explicando as razões que os levaram à greve e comprometendo desfavoravelmente o novo governo que tam mal se tem conduzido no sentido de solucionar o conflito.

Afirmam também que se manterão firmes e solidários até que as suas reclamações sejam integralmente atendidas.

Os amigos ingleses

Em virtude de os empregados dos Correios e Telégrafos do Funchal terem acompanhado os seus camaradas da metrópole e como tivessem sob o choço dos instrumentos, uma bem clara medida de defeza do seu pão, a Companhia do Cabo Submarino ofereceu ao governo os seus serviços.

Pessoal Menor das Secretarias do Estado

A comissão de melhoramentos pede a comparência de todos os colegas, hoje, pelas 12 horas, na rua da Madalena, 91, 2.º.

Boatos falsos

A greve do funcionalismo público mantém-se no mesmo pé. Poucos foram os empregados que ontem estiveram nas repartições e esses mesmo nada fizeram e outros, que na véspera se aprep-

10.000 OPERÁRIOS EM LUTA

A Federação da Construção Civil proclama a greve geral da indústria em Lisboa e arredores

A intransigência dos patrões e a incompetência dos governos vai arrastando massivamente o proletariado de várias indústrias para a luta a fim de obter alguns vinténs que lhes garantam o pão.

Ultimamente, dada a carestia da vida, que tomou um aspecto ameaçador para a vida dos que trabalham, tem-se vários operários de diferentes indústrias vindo ao único caminho que se depára aos miseráveis para a conquista d'um bem-estar — a greve.

Hoje pelos mesmos motivos — sempre pelos mesmos motivos! — cerca de 10.000 trabalhadores da construção civil paralisarão os seus trabalhos até que sejam atendidas na íntegra as suas reclamações.

A Federação Nacional da Construção Civil, sabendo que em volta destes movimentos se tecem sempre boatos tendenciosos, dirige-se ao público e aos seus camaradas de trabalho, da forma clara que segue:

AO PÚBLICO

A Federação Nacional da Construção Civil, que tem primado porque os seus movimentos de reivindicação económica tenham sempre o cunho de verdadeira justiça, acaba de, ao fim de 2 meses de ter apresentado as suas reclamações aos mestres de obras, patrão e Estado, sem que tivesse sequer uma resposta da parte daqueles, de declarar a greve geral na indústria.

Os operários da Construção Civil não querem 5 escudos, preferiam 100 escudos que auferiamos antes da guerra, se os géneros estivessem nessa proporção.

Trabalhadores lide e propagai

O BATALHÃO

O BATALHÃO

O BATALHÃO

O BATALHÃO

Operário: Se não foste ainda ao teu sindicato contribuir para a "Casa dos Trabalhadores", não te demores em fazê-lo

